



**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA INFANTIL DE
PEDRO PEREIRA LOPES**

*SOME CONSIDERATIONS ABOUT PEDRO PEREIRA LOPES CHILDREN'S
POETRY*

*ALGUNAS CONSIDERACIONES SOBRE LA POESÍA INFANTIL DE PEDRO
PEREIRA LOPES*

Pablo Lemos Berned¹

Demétrio Alves Paz²

RESUMO:

Este ensaio propõe-se a analisar os dois livros de poesia destinados ao público infantil de Pedro Pereira Lopes, escritor moçambicano: *Viagem ao mundo num grão de pólen* e *O comboio que andava de chinelos*. Em suas obras há um diálogo com a criança a partir do ponto de vista infantil sobre o mundo que a cerca e a sua imaginação. Dessa forma, os poemas equivalem a brinquedos que estimulam a criança por meio da materialidade sonora, das imagens poéticas e dos recursos gráficos. Ao mesmo tempo, sua produção literária também suscita ao leitor a reflexão sobre a realidade, provocando um olhar sensível por perspectivas alternativas às tradicionalmente privilegiadas.

PALAVRAS-CHAVE: literatura moçambicana, literatura infantil, poema

ABSTRACT:

This essay proposes to analyze two books of poetry aimed at children by Pedro Pereira Lopes, Mozambican writer: Viagem ao mundo num grão de pólen and O comboio que andava de chinelos. In his works there is a dialogue with a child from the childhood point of view about the world that surrounds him/her and his/her imagination. Thus, the poems correspond to toys that stimulate the child by means of musicality, poetic images and graphic resources. Meanwhile, his literary works also raises the reader to reflect upon reality, provoking a sensitive look through alternative perspectives opposed to those traditionally privileged.

KEYWORDS: Mozambican Literature, children's Literature, poem.

1 Professor Adjunto de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Cerro Largo - RS

E-mail: pablo.berned@uffs.edu.br

2 Professor Associado 2 de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Cerro Largo - RS

E-mail: demetrio.paz@uffs.edu.br



A revista Mulemba utiliza uma licença Creative Commons - Atribuição- Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

RESUMEN

Este ensayo propone analizar los dos libros de poemas destinados al público infantil y juvenil escritos por Pedro Pereira Lopes, autor mozambiqueño: Viagem ao mundo em um grão de pólen y O comboio que andava de chinelos. En sus obras, hay un diálogo con los niños desde el punto de vista infantil sobre el mundo que les rodea y su imaginación. De esta forma, los poemas equivalen a juguetes que estimulan a los niños por medio de la materialidad sonora, de imágenes poéticas y de recursos gráficos. Al mismo tiempo, su producción literaria también suscita al lector la reflexión sobre la realidad y conduce su sensibilidad a perspectivas alternativas a las que son tradicionalmente privilegiadas.

PALABRAS CLAVE: literatura mozambiqueña, literatura infantil, poema

Considerações iniciais

Em Moçambique, a literatura para infância surge a partir da independência, mas até os anos de 1990 a produção é incipiente (OLIVEIRA, 2014). Entretanto, o século XXI viu um aumento considerável da produção (DEBUS, 2020), como a coleção *Contos de Moçambique*, uma reescrita de contos populares por autores jovens e consagrados. No Brasil, esta coleção foi publicada pela editora Kapulana. Atualmente, a Escola Portuguesa de Moçambique é uma das grandes incentivadoras e propagadoras da literatura infantil e juvenil no país.

Um dos escritores moçambicanos que tem despontado nos últimos anos é Pedro Pereira Lopes, nascido em 1987, na província da Zambézia, na região central do país. É autor das obras *O homem dos 7 cabelos* (2012), *Kanova e o segredo da caveira* (2013), *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* (2014), *A história de João Gala-Gala* (2017), *O mundo que iremos gaguejar de cor* (2017), *Mundo Grave* (2018), *O comboio que andava de chinelos* (2019) e *Mundo Blue* (2020).

Do conjunto de sua obra, dois livros são dedicados à poesia infantil: *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* (lançado no Brasil em 2015), composto de dez poemas, e *O comboio que andava de chinelos* (2019), com dezesseis poemas. Percebe-se, pelo título das duas obras, que adentramos no universo infantil por meio do inusitado e da imaginação. Assim, temos já nas capas das obras um paradoxo, que nos faz perguntar como adultos: como viajar pelo mundo em algo tão pequeno ou como um comboio (trem) anda de chinelos? Neste ensaio, dedicamos a análise para observar temas recorrentes e recursos poéticos explorados, tais como a musicalidade, os elementos gráficos e algumas figuras de linguagem, que compõem a poesia de Pedro Pereira Lopes.

O poeta *brinquineiro*³

A leitura da poesia de Pedro Pereira Lopes propõe um olhar de encanto sobre as coisas simples e corriqueiras da vida, ao mesmo tempo em que desperta a imaginação e alimenta sonhos. Ou, conforme afirma Aurélio Ginja, os leitores são levados a “reflectir sobre a grandeza existente nas coisas singelas e a forma como elas guiam os nossos corações e as nossas mentes pelos trilhos do essencialmente fundamental na existência humana” (GINJA, 2020). Por essa perspectiva, “Poeminha brinquedo” pode ser lido como uma apresentação do conjunto de poemas de Pedro Pereira Lopes, enquanto abre o segundo livro e considera a publicação de sua primeira obra de poesia para o público infantil:

Um poema brinquedo
nem é poema de verdade
é poeminha poemeto
coisa de criança sem idade (LOPES, 2019, p.7).

Nesta quadra, há a busca pela definição do que seja esse poema brinquedo, que se pretende mais brinquedo do que poema. Temos tanto a recusa, “nem é poema de verdade”, quanto a aceitação, “é poeminha poemeto”, de um pertencimento à poesia, enquanto expressão da Literatura. Na verdade, ambas revelam, por um lado, uma admiração sobre a tradição literária; por outro lado, o poeta brinquineiro permite-se experimentar aspectos lúdicos de uma poesia voltada para o prazer da leitura pela criança. Em uma entrevista, o autor diz que a atual literatura infantil está “afastando-se do paradigma pedagoga” (GARCIA, 2020, p. 334). Nesse sentido, a poesia de Pedro Pereira Lopes reivindica uma liberdade de diálogo voltado para a criança, compartilhando o seu ponto de vista.

Contudo, a noção de criança aqui não está restrita pela idade, como indica o verso final do poema. “Coisa de criança sem idade” remete a uma perspectiva de enxergar a realidade de forma muito peculiar, que pode resgatar valores comumente ligados à infância, tais como a inocência e a afetividade, assim como expressar o olhar sensível oferecido pela arte, associado a perspectivas fora do padrão adulto do mundo do trabalho.

Além disso, a disposição gráfica de alguns poemas do segundo livro contribui para a formação de sentidos na leitura. No poema acima, a ilustração é de um pião girando e o texto tenta acompanhar esse giro graficamente. Já em “Poeminha do pequeno pirata” há um movimento nos versos ao final do poema que simulam ondas, exatamente quando a palavra

3 Neologismo: o poeta brinquineiro é o que gosta de brincar, ludicamente.

“mar” aparece. Em “O aniversário da rã”, duas estrofes seguem os altos e baixos do coaxar da rã, que está festejando em família. E ainda em “O gato Romeu e o vô Abreu”, toda a primeira parte do poema imita a queda do gato no telhado da casa do avô. Nesses exemplos, as letras aproximam-se de imagens que, associadas à ilustração, estimulam performances para a leitura de cada um desses versos.

A proposta de uma poesia lúdica voltada para as crianças é corroborada em “Poeminha brincadeira”, cujo título mantém o diminutivo associado ao texto poético como fator de proximidade e afetividade. Como se trata de uma criança brincando e sujando-se, há uma desorganização proposital nos versos a partir do momento em que Maria, personagem do poema, começa a brincar na areia do quintal de casa. Além disso, na ilustração, o pote em que ela brinca é uma metade de um globo terrestre, deixando ainda mais clara a associação com o mundo da imaginação/fantasia infantil. Maria brinca de faz de conta enquanto a passagem do tempo coincide com a sujeira das roupas e o seu consequente choro:

Tocada pela aflição
aparece a sua avozinha
e com água e sabão
fica a Maria
lim-pi-nha (LOPES, 2019, p.27).

A figura da avozinha - no mesmo diminutivo afetivo de “poeminha” do título - intervém em interromper a causa do choro da menina, limpando-a. A separação silábica do último verso serve como um recurso de memorização, comum em conversas com crianças: falar pausadamente, separando as sílabas de uma ou mais palavras. Limpa, Maria está pronta para retomar sua brincadeira e seus sorrisos. Como se observa na quarta estrofe, o tempo foge: sua fuga revela a rapidez com que a infância passa. Contudo, o tempo também se apresenta nesse poema em sua dimensão cíclica, pela repetição, por meio da brincadeira da menina, imitando atividades cotidianas observadas à sua volta, destacando-se atividades domésticas como fazer chá, papas de aveia e servir bolachas.

Língua e imaginação

O poema brinquedo ou o poema brincadeira, enquanto noção estendida para o conjunto da poesia infantil de Pedro Pereira Lopes, volta-se para a descoberta da criança sobre a própria língua, sua materialidade sonora e a construção de sentidos. Em “O comboio que andava de chinelos”, que dá título ao segundo livro, a imagem proposta sugere uma associação entre o som do trem em movimento e o barulho dos chinelos a bater no chão. Por sua vez, em “As

Palavras”, “Sonho” e em “Mini-dicionário de perguntas geniais”, os poemas se organizam pelo questionamento sobre a relação entre a língua e o mundo. Assim, “Palavras” propõe perguntas sobre os sentidos a partir de palavras encontradas dentro de outras palavras, de modo a suscitar reflexões sobre a arbitrariedade do signo linguístico de modo convergente com o universo infantil:

O besouro veste ouro?
O mar pode amar?
O porco Pinho tem espinhos?
É numa capoeira de galhos
que vivem os frangalhos?
Um três louco
é mesmo tresloucado? [...]
A pá lavra?
Ah, palavras! (LOPES, 2019, p.11).

No poema, ocorre o uso de uma espécie de eco sonoro para a ampliação não só do sentido, mas também dos questionamentos sobre o título. Mais uma vez os recursos gráficos auxiliam na compreensão do significado. Na última estrofe do poema, ao questionar se a pá lavra, os versos são apresentados de forma ondulada, mimetizando o movimento da pá ao escavar o chão. Essa correspondência sugere que o trabalho poético também é fruto do empenho manual.

Em “Sonho”, a dúvida final deriva de uma conclusão inicial: se o sonho é belo e acordo risonho, logo “Estaria bisonho/ se o sonho/ tivesse sido/ medonho?” (LOPES, 2019, p.18). É por meio do olhar curioso sobre os fenômenos do mundo – e da língua – que se buscam compreensões a partir da equivalência de sons entre as palavras. Graficamente, temos dois movimentos: na primeira estrofe, os versos estão arqueados para cima, emulando um sorriso, enquanto na parte restante, os versos estão vergados para baixo, como que tristes, assim como as figurações das tradicionais máscaras de teatro. Da mesma forma, essa disposição dos versos reverbera no movimento presente na ilustração de Walter Zand, que apresenta uma menina pulando corda.

Já em “Mini-dicionário de perguntas geniais” não há apenas a pergunta, mas também a explicação para a dúvida levantada:

Por que é que há estrelas no mar?
 Porque o céu já andou de cabeça para o ar.
 e por que é que as nuvens não caem?
 Pela mesma razão que os dias correm.
 Por que é que os peixes não se afogam?
 Ora essa, porque são à prova de água [...] (LOPES, 2019, p.25)

As perguntas partem da observação do mundo familiar da criança – o mar, o céu, as fotos, o milho, o poço – na busca por compreender como as coisas são – ou o porquê são assim. Surpreende, no entanto, a rápida explicação a que segue cada pergunta, por vezes dada como evidente, construída a partir de livres associações e jogos de palavras. Cada resposta, ainda que não corresponda a uma explicação racional ou científica dos fenômenos, cabe no imaginário infantil, ao permitir uma lógica alternativa a do pensamento objetivo. Essa perspectiva lúdica é presente também em poemas como “Poeminha do arco íris”, “Nuvens fabulosas” e “O elefante”, ao suscitar a imaginação pela observação do céu diurno.

O “Poeminha do arco-íris” explora analogias entre a natureza e o espaço doméstico: gotas de água como missangas, arco-íris como lençol de paz e pintura no teto do céu. Assim como o arco-íris tem sete cores, o poema tem sete estrofes de um verso cada. Ainda que não haja relação direta com as cores, há a figura do pintor observando feliz o que a natureza faz. Além disso, a observação sensível sobre o mundo é evidenciada quando o arco-íris é associado a um milagre – ou seja, um fenômeno inexplicável tomado como bênção divina.

Já em “Nuvens fabulosas”, o poema provoca o leitor às brincadeiras de associação ao identificar nas nuvens formas familiares. As nuvens fazem esculturas moldadas com a imaginação de cada espectador, atribuindo ao sujeito lírico a identificação com o que se parecem:

Uma zebra que se esconde,
 um dragão e dois gatos,
 uma árvore de ramos altos
 e um dançarino makonde!
 um comboio que parte
 um pedaço de tarte...
 até faces de anjos,
 nas nuvens fabulosas (LOPES, 2015, p.15).

Os elementos que compõem o panorama observado nas nuvens expressam uma diversidade de referências: são animais domésticos, selvagens e fantásticos; a árvore de ramos altos, elemento da natureza, contrapõe-se ao comboio que parte, ou mesmo ao pedaço de tarte (torta), produtos do trabalho humano; na esfera divina, faces de anjos,

contrastam com o dançarino makonde, no plano terreno. Tais recursos permitem ainda a contraposição entre o espaço nativo e urbano, entre o real e o imaginário, entre a natureza e a arte, por exemplo, o que evidencia a complexidade de referências presentes no universo infantil.

O exercício de imaginação realizado ao olhar para as nuvens é encontrado também no poema “Os elefantes”. A ilogicidade está na premissa: “Os elefantes dormem nas nuvens” (LOPES, 2019, p.35). Eles também voam e saltam em meio às nuvens cinzentas. Sabemos, como adultos, que isso não é possível, mas, assim como em “Nuvens fabulosas”, estamos no plano da imaginação infantil, em que a percepção das possibilidades é mais ampla do que a lógica adulta. O poema parece também explorar um diálogo com o desenho *Dumbo* (1941), de Walt Disney, que é uma referência para o universo infantil, ao associar as grandes orelhas do filhote de elefante com a capacidade de voar. De forma geral, esses poemas fomentam a imaginação da criança a partir da materialidade sonora, das imagens poéticas e dos recursos gráficos que extrapolam os liames da realidade.

Outras perspectivas

A poesia de Pedro Pereira Lopes oferece um olhar especial às peculiaridades do universo observado em relação às perspectivas tradicionalmente estabelecidas. “O relógio do Lúcio”, por exemplo, é construído a partir de oposições que privilegiam a impressão causada pelo relógio novo, ganho em seu aniversário, em relação ao outro. Ele é analógico, muito bonito, mas pouco funcional, pois, ao contrário do primeiro, que era digital, este “Só aponta as horas/ esqueceu-se dos dias/ do cronômetro/ e do alarme. (LOPES, 2015, p. 11). Contudo, por ser mais bonito e chamativo, “tem números que brilham/ e ponteiros que giram/ à velocidade da luz” (LOPES, 2015, p, 11), Lúcio prefere o novo para causar boa impressão. Dois mundos são apresentados: o digital é o da infância, mais completo, e o analógico é do adulto, mais complexo. Percebe-se que Lúcio não está preparado para essa mudança de universos. Outro poema que trata de uma fase de transformações é “O dentinho”, pois a troca de dentes marca uma nova etapa para as crianças.

Uma abordagem que evidencia melhor essa concepção de apresentar outra perspectiva às imagens do mundo está em valorizar aspectos locais, se não completamente moçambicanos, menos europeus e mais africanos. Haveria inclusive essa necessidade em diversificar a produção literária moçambicana voltada para o público infanto-juvenil, com a recusa aos “estereótipos ocidentais” (DEBUS, 2018, p.187). Essa postura é observada, por exemplo, em “Poeminha para o inverno”, já que a imagem de inverno que temos construída vem do imaginário europeu: o frio

e tudo associado diretamente a essa ideia. Porém, neste poema, o eu-lírico recorre à oposição entre os invernos nos hemisférios norte e sul.

A primeira estrofe inicia com “O meu inverno não tem” (LOPES, 2019, p. 13) e segue a enumeração de elementos: neve, esquimós, renas e trenós, de modo que são contrapostos ao raiar do sol e à brevidade da chuva. A leveza é associada ao sol, ao calor, à chuva: “O meu inverno é bem leve/ não dá para esquiatar/ ou fazer bonecos de neve/ quando faz sol, vou à praia nadar/ e erguer castelos de areia” (LOPES, 2019, p. 13). Mesmo quando chove, não há motivos para aborrecimentos, pois ainda se pode brincar com barcos de papel e imaginar rios selvagens.

“O Bailarino de Mafalala” segue uma estrutura semelhante à do texto anterior. Neste poema, desde o título são valorizados aspectos da cultura local, como a dança e a vestimenta. Na primeira estrofe, temos o que o bailarino não é para, nas estrofes seguintes, defini-lo:

O bailarino da Mafalafa
 não veste collants nem dança balé,
 não faz piruetas
 na ponta do pé!
 O bailarino da Mafalafa
 veste uma calça de capulana
 e dança marrabenta,
 é um pouco gordinho
 e na dança arrebeta! (LOPES, 2015, p.32)

Ao contrário de um bailarino clássico que usa collants e faz piruetas, ele não é esbelto, usa calças e pratica uma dança típica do sul do país. Ele também é morador do bairro mais artístico da capital, um dos símbolos da resistência ao regime colonial. Nas estrofes seguintes, os passos da dança são descritos numa estrofe que acompanha ritmicamente os movimentos do dançarino, assim como o costume de bailar o acompanhará por toda a vida.

De forma semelhante, outro poema que exprime a valorização da arte é “Colar de estrelas”, quando Celeste “[...] choraminga,/ assoa-se e respinga:/ quero um colar cheio de arte!” (LOPES, 2015, p.19). A postura da protagonista evidencia uma ligação emocional com a arte enquanto parte da vida social. De certa maneira, a oposição que há nos poemas revela uma posição geográfica distinta das perspectivas hegemonicamente culturais. A construção deles deixa claro que há um estereótipo a ser quebrado, chamando atenção para o próximo, o conhecido, o vivido, que os leitores encontrarão nos textos.

Núcleo familiar

Um dos aspectos que se destaca na poesia de Pedro Pereira Lopes é a expressão do desejo infantil. Seus poemas evocam cenários familiares às crianças e apresentam sujeitos ativos e desejanos. Em poemas como “Parque” e “Cruzar a avenida”, por exemplo, as expectativas estão voltadas para aquilo que é conhecido, como ir a um parque de diversões ou cruzar a avenida. Em ambos os casos, a realização do desejo não depende apenas da criança, pois só é possível com a ajuda de alguém: “Quem me leva ao parque/ para eu poder brincar?” (LOPES, 2015, p.31), questiona o sujeito lírico de um; “Quem me oferece a mão/ para atravessar a avenida?” (LOPES, 2019, p.33), solicita o outro. Essa presença de um responsável adulto também é expressa em poemas como “Mini-dicionário de perguntas geniais”, por meio da voz de autoridade ao final do poema, depois de várias perguntas elencadas pela criança: “Come as couves, Raimundo!” (LOPES, 2019, p.25). Em comum entre os três poemas, há a indeterminação dessa figura adulta no cotidiano da criança.

O desejo da criança também é direcionado para a adoção de um bichinho de estimação no poema “Macaco, cão ou camaleão”. O pedido do eu-lírico, tanto o “quero” da primeira estrofe quanto o “pedi” das três estrofes seguintes, porém, é voltado para a figura da mãe, que não aceita o atrevimento do macaco, a baba do cachorro e tem medo do camaleão. Depois de tanta recusa, há o questionamento final, que não aceita ficar sem nenhum dos animais: “Macaco, cão ou camaleão,/ qual deles, Dona Assunção?” (LOPES, 2019, p.155). A figura da mãe aparece também em “O monstro”, ao ameaçar para reprimir o choro da criança. Em ambos os poemas, a figura materna é a voz de autoridade perante a criança, responsável por *dizer* aquilo que ela pode ou não pode fazer, tal como chorar ou adotar um animalzinho. Nos dois casos, a criança intervém, não se contentando com a negativa da mãe:

Mas hoje vou chorar!
Quero somente ver
se a mãe vai deixar
tal monstro me comer! (LOPES, 2019, p.36)

Ainda em “O monstro”, a criança assume a postura de desafio à figura materna. Mesmo com medo, o desejo de conhecer os limites da ameaça se impõe, em parte pelo reconhecimento do instinto materno de proteção. Já em “Macaco, cão ou camaleão”, a criança quer adotar um dos três bichinhos, insistindo pela autorização da mãe, inclusive interpelando-a pelo nome (“Dona Assunção”), buscando um tom mais incisivo para a satisfação de sua vontade.

Considere-se ainda que, em “Floribela e Florinda”, a família é constituída pela Dona Flora (designada pelo que gosta e pela sua profissão) e suas filhas gêmeas (cujos nomes revelam um

desdobramento da mãe). Já a presença de irmãs ocorre apenas em “O aniversário da rã”. Além da figura materna, o núcleo familiar é constituído pelos avós: em “Poeminha brincadeira”, a avozinha é apresentada pelo zelo com a criança; já em “O gato Romeu e o vô Abreu”, o avô compõe uma narrativa episódica com o gato adotado, sem menção alguma ao relacionamento cotidiano com a criança. Chama a atenção, portanto, no conjunto dos poemas de Pedro Pereira Lopes, a organização familiar alicerçada nas figuras femininas e a ausência constante de figuras paternas no universo infantil.

Um mundo a ser explorado

O tema do desejo percorre a poesia infantil de Pedro Pereira Lopes de diferentes maneiras. Em “Viagem pelo mundo num grão de pólen”, poema que dá título ao seu primeiro livro de poesia infantil, há um eu-lírico consciente de seu papel de criança, de modo que o poema é estruturado para dar conta disso. Em seu início, temos a anáfora de “sou” em cada verso seguida por uma série de ilogicidades (algo típico da infância), enquanto, ao final, há a concretização do ser e do desejar: uma boa infância gera uma maturidade com boas lembranças. Entre as pontas do poema - e da vida - o sujeito lírico expressa as suas expectativas:

Quero ir a um parque de diversões
 Comprar um grão de pólen lindo,
 Um livro com várias canções
 E sair numa viagem pelo mundo... (LOPES, 2015, p.09)

O primeiro verso apresenta o desejo objetivo, da criança querer ir ao parque de diversões. O parque pode ser visto aqui pela dimensão da fantasia, em que a ordem do cotidiano infantil é suspensa. Como em “Parque”, a brincadeira dos palhaços, os balouços, os carrinhos de choque, a roda gigante, a música e as pipocas são elementos presentes na expectativa do sujeito lírico compondo essa realização do prazer infantil. Ali é um lugar especial de estímulo aos sentidos onde, além de poder ver os palhaços, a criança pode guiar os carrinhos de choque, tocar as nuvens na roda gigante e saborear pipocas.

Contudo, em “Viagem ao mundo num grão de pólen”, o objetivo de ida ao parque de diversões está atrelado inicialmente à proposta de compra de “um grão de pólen lindo”. O grão de pólen não é o fruto ou a flor, na dimensão imediata de uma função alimentar ou estética, mas é aquilo que poderá vir a ser, o que guarda paralelos com uma certa leitura da própria infância.

A expectativa dessa compra, se posta lado a lado com “Parque”, permite compreendê-la também como realização do prazer infantil de transcender a realidade cotidiana ao imaginar-se

viajando. Ao grão de pólen é atribuída a perspectiva de uma função reprodutiva das plantas, que precisa sair de seu local de origem para polinizar, seja por meio do vento ou pela ação de animais. A ida ao parque, esse lugar de fantasia, logo coloca-se como condição para comprar esse grão de pólen para viajar e conhecer o mundo. O livro com várias canções indica o desejo de tornar animada essa viagem e as reticências, por sua vez, sugerem a indefinição, por não ter um roteiro previamente planejado dos destinos a serem alcançados, visto que o objetivo estaria nas descobertas que o trânsito pode propiciar, a partir da indicação dos quatro pontos cardeais da estrofe seguinte.

Esse desejo de desbravar o mundo também se manifesta em “Poeminha do pequeno pirata”, quando o sujeito-lírico expressa: “Queria ser um pirata/ um pernetá/ com a barba sempre mal feita/ sonhar a conquista perfeita/ e por ela ir à luta” (LOPES, 2019, p.29). O pirata, nessa caracterização difundida pela literatura e pelo cinema, coloca-se como um aventureiro em busca de tesouros. Da mesma forma, no paralelismo que se apresenta em “Barco no mar e avião no ar!”, enquanto o barco à vela ou a remos é associado ao peixe que ficou preso na rede do pescador, o avião cheio de gente luta, voa e “o meu sonho ao alto vai levar” (LOPES, 2015, p.27).

Esse trânsito entre pessoas e lugares por meio do ar e do mar lembra a geografia de uma ilha, como é definida em “A ilha é um mundo”: uma bolha de areia e terra limitada pelas águas, enfatizada pela sugestão sonora dada pela recorrente aliteração do dígrafo [lh]. Neste poema é ressaltada a perspectiva de que o local é “um mundo em miniatura” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 501), evidenciando a unidade e a complexidade que pode existir no microcosmo. Paradoxalmente, esse aspecto da ilha destaca o seu isolamento em relação ao macrocosmo. Por sua vez, no poema “Os elefantes”, na comparação das nuvens com ilhas, essa ligação é realizada na imaginação da criança de modo simples: “Saltam para outra nuvem como se/ mudassem de ilhéu” (LOPES, 2019, p. 35), em contraste com a imagem pesada dos animais.

O tema da viagem é reiterado ao longo dos poemas nos quais o sujeito-lírico expressa o desejo em aventurar-se, para além do espaço cotidiano, lançando-se ao desconhecido, seja pelo mar como um pirata, seja pelo avião, seja pelo trem que atravessa diferentes paisagens, como no poema “O comboio que andava de chinelos”, ou seja ainda pela fantasia de viajar em um grão de pólen à deriva.

Desejar o impossível

Dentre as diferentes expressões do desejo presentes na poesia infantil de Pedro Pereira Lopes, uma bastante peculiar está na ordem do impossível. Em “Viagem ao mundo num grão de pólen”, o desejo está em conhecer o mundo, isto é, poder viajar por lugares com línguas e culturas diferentes como forma de satisfazer a curiosidade e atrelar conhecimento. Porém, o poema propõe a realização dessa viagem num grão de pólen, o que provoca a imaginação infantil sobre os sentidos metafóricos possíveis de serem associados a essa imagem. Aspecto similar é verificado em “Colar de estrelas”:

A Celeste quer um colar
De estrelas, não de todas elas,
A Celeste quer um colar
Só com as mais brilhantes (LOPES, 2015, p.17).

Neste poema, o desejo de Celeste é de ter um colar de estrelas, só com as mais brilhantes, excluindo as cadentes e as constelações. Tal como o poema nos é apresentado, Celeste, enquanto uma personagem, deseja algo que escapa à ordem do possível. Entretanto, os corpos brilhantes do céu noturno suscitam a imaginação, assim como as nuvens cumprem essa função em outros poemas. Por associação, pode-se imaginar o desejo por um colar com pedras brilhantes - “belas e amarelas” similares à imagem que se tem das estrelas.

Por outro lado, a leitura ainda pode associar o nome da personagem e seu colar aos corpos celestes, exprimindo, de modo metafórico, a expectativa de uma noite com céu limpo para observar as estrelas: “[...] logo que a noite desponta,/ é em ti que elas se demoram” (LOPES, 2015, p.19). Desta forma, o poema apresenta uma evocação do sujeito lírico a Celeste, atribuindo desejos à personificação do céu estrelado para a construção de uma imagem. Esse exercício de imaginação proposto corresponde à exploração do mundo pelo olhar da criança a partir da realidade que a circunda.

De forma geral, “Colar de estrelas” propõe ao leitor a reflexão sobre os desejos que nem sempre são alcançáveis; ou, como afirma Celso Celestino Cossa a respeito desse poema, “o vislumbre da impossibilidade de realização dos sonhos que nos guiam não pode ser sinónimos da inércia da nossa capacidade de sonhar” (COSSA, 2014). Exercício de leitura semelhante pode ser atribuído ao poema intitulado “Quero ser uma formiga”. Neste poema, o sujeito lírico desenvolve, ao longo de quatro quadras, os motivos de seu desejo:

Quero ser uma formiga
e viver num formigueiro,
mundo estreito e escuro
ter mil formigas amigas
serei forte e sem lombriga
para quando o verão chegar,
encher o buraco de comida
para o inverno passar [...] (LOPES, 2015, pp.23-25).

Observa-se que pesam no desejo do sujeito lírico aspectos bastante objetivos, que podem encontrar equivalência com a experiência humana. Moradia segura, proteção, amizades, segurança alimentar e lazer podem figurar entre as características associadas aos insetos no poema. Querer ser uma formiga, portanto, mesmo sendo impossível, exceto pelo exercício de imaginação, parece revelar uma posição muito específica desse sujeito lírico, em que essas vantagens associadas à vida da formiga não encontrariam correspondência na sua própria.

O desejo, logo, sugere uma ausência de vivências que uma hipotética metamorfose supriria. Já o olhar sensível da criança poderia ser associado ao desejo de aventuras – “[...] quando a chuva cair,/ sair numa folha a navegar/ a rir-me dum papa-formigas” – ou ainda à perspectiva das coisas do mundo como brinquedos à disposição da imaginação — “trepar ao alto das espigas/ e ver as coisas pequeninas” (LOPES, 2015, p.25). Ambas as situações permitem à pequena formiga assumir diferentes perspectivas sobre como a realidade é vista. Desejar o impossível, portanto, revela um diálogo com o pequeno leitor, convidando-o a observar o mundo circundante e sonhar com possibilidades que estejam além da imaginação, estimuladas pelas imagens oferecidas pela poesia de Pedro Pereira Lopes.

Considerações finais

Em nossa hipótese, Pedro Pereira Lopes é um poeta brincalhão, isto é, ele cria uma série de brinquedos com as palavras, de modo que a disposição formal dos poemas não é rigorosa, favorecendo aliterações, assonâncias, ecos, rimas e a comunicabilidade com os leitores em formação. Tanto a escolha temática quanto os recursos poéticos utilizados colaboram para uma ludicidade, tal como o poeta vê a função da literatura.

Uma diferença entre as duas obras diz respeito ao aspecto gráfico. Em *Viagem ao mundo num grão de pólen e outros poemas* todos os textos estão impressos com letras maiúsculas, ao

passo que *O comboio que andava de chinelos* não, além deste último apresentar uma série de recursos tipográficos que dão dinamicidade à leitura dos poemas. Na poesia de Pedro Pereira Lopes, tem-se a presença da criatividade para o universo infantil, demonstrando uma maior preocupação com brincadeiras e diversão do que com ensinamentos. Há, de certa forma, uma missão do poeta com o lúdico, tal como se percebe nas duas obras aqui analisadas.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

COSSA, Celso Celestino. Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas: mais do que poesia infantil, um sonho do adulto por vir. **Recanto das Letras**, 4 de março de 2014. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/ensaios/4718698> Acesso em 20 de janeiro de 2021.

DEBUS, Eliane. Entrevista com Pedro Pereira Lopes. **Mulemba**, v. 10, n. 18, p. 185 – 189, jan-jul 2018. DOI: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2018.v10n18a15406>

DEBUS, Eliane; SILVA, Ana C. Maria da; PIRES, Juliana Breuer. De lá para cá: a literatura para infância do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes. IN: SPIGOLON, Nima Imaculada (org). **Brasi(s) & África(s): educação plural, culturas de resistência e emancipações humanas**. Curitiba: CRV, 2020.

GARCIA, Flávio. Entrevista com Pedro Pereira Lopes. **Abusões**, n.13, v. 13, p. 323 - 336, 2020/3. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/abusoes.2020.53938>

GINJA, Aurélio. Carta ao Pedro Pereira Lopes, a propósito do seu comboio que também bebia chá. **Literatas**, 13 de junho de 2020. disponível em: <https://literatasmz.org/post-detail/5428> Acesso em 20 de janeiro de 2021.

LOPES, Pedro Pereira. **Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas**. São Paulo: Kapulana, 2015.

LOPES, Pedro Pereira. **O comboio que andava de chinelos**. Escola Portuguesa de Moçambique: Maputo, 2019.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Literatura infanto-juvenil moçambicana: a série Os gémeos, de Machado da Graça, e outras travessias. **Contexto**, nº 26, p. 91 – 107, 2014/2. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/8727> Acesso em 20 de janeiro de 2021.